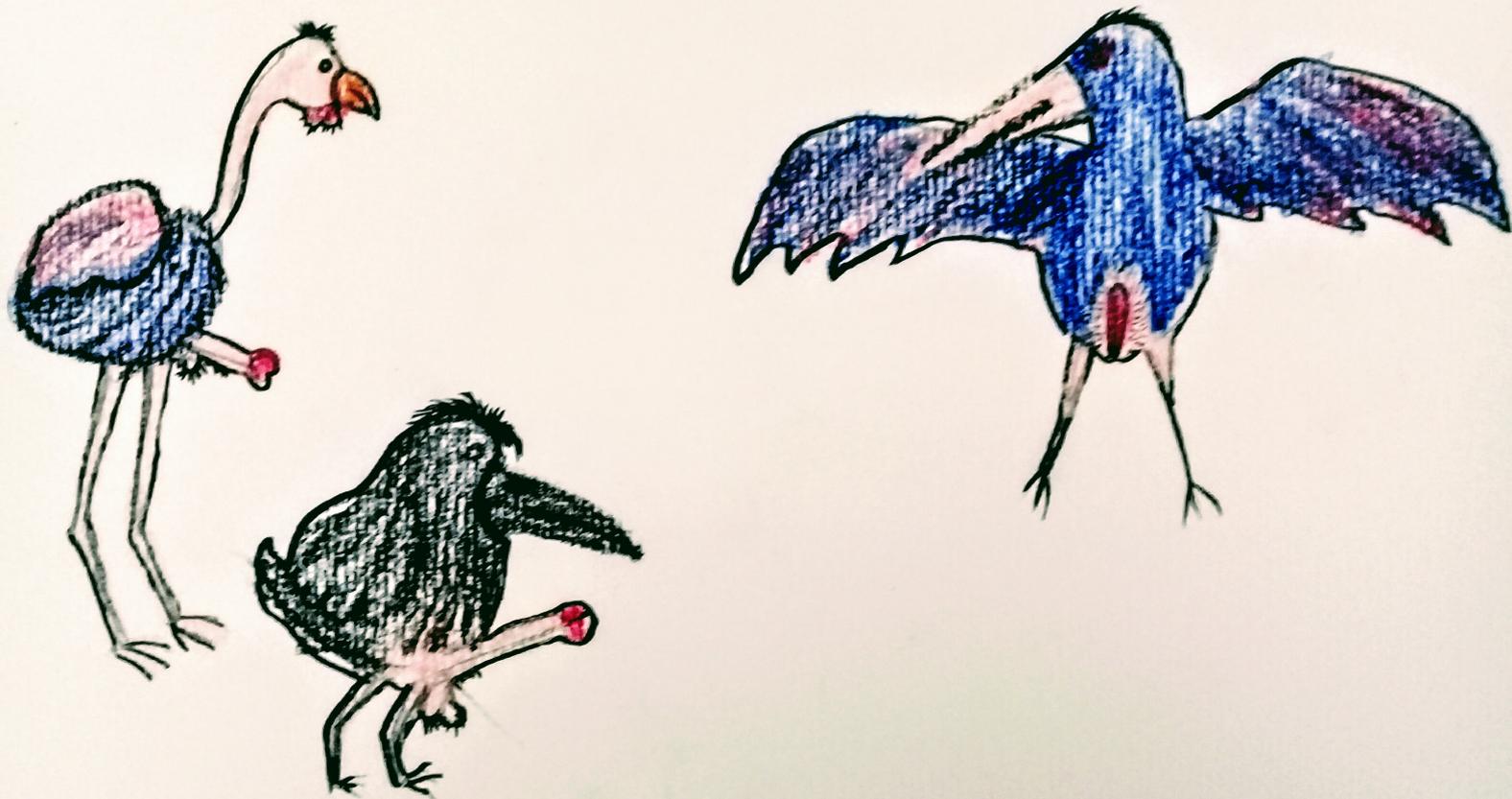




CADERNOS BRASILEIROS  
DE SAÚDE MENTAL  
BRAZILIAN JOURNAL OF MENTAL HEALTH

# CADERNO DE CULTURA E ARTE

*CULTURE AND ART SECTION*



v. 14 n. 39, 2022

## CADERNO DE CULTURA E ARTE

Sujeitos e subjetividade são elementos essencialmente vinculados à Cultura, e uma das melhores maneiras para acessá-las é a arte. Neste sentido, as Políticas de Saúde que servem à população, os estudos científicos e seus resultados podem ser compreendidos e ressignificados através do enriquecimento cultural e da admiração das artes produzidas pelos diversos atores, inclusive os usuários do sistema de saúde mental.

O caminho até aqui trilhado, nessa perspectiva, produziu frutos visíveis, não apenas de acesso ao bem-estar e saúde mental, mas também aos processos criativos que o viabiliza. Quanta elaboração, desejo, potência e dores são expressas ou imprimidas na ação criadora. Mais do que um respiro, deparar-se com essas produções serve de inspiração para continuar pesquisando e trabalhando em prol de um sistema de saúde mais humanizado e eficaz, reunindo forças para remar contra as fortes correntes da antidemocracia, das desigualdades e da *Contra Reforma Psiquiátrica* que influenciam o cenário do país. Estabelecem-se, desta forma, relações que produzem bons afetos e subvertem os valores neoliberais atualmente estabelecidos na cultura do país.

Ao longo da história do Brasil as trajetórias da arte e da loucura se cruzaram muitas vezes e essa relação pode ser aceita como expressividade cultural. Esse processo teve certa ligação com a maneira como se incorporaram as vanguardas europeias ao cenário artístico brasileiro. No ano de 1917, em sua exposição modernista, Anita Malfatti causou rebuliço entre os críticos pelo conteúdo *subjetivo* de suas obras. A inspiração cubista e impressionista muito apreciada no outro continente, aqui foi alvo de comentários normalizadores que desconsideraram a *visão distorcida* da artista como legítima. O artista que “via normalmente as coisas” eram os considerados por muitos como os que faziam “arte pura”, enquanto maneiras diferentes e ousadas de ver e se relacionar com as *coisas*, em detrimento das formas *corretas* de compreender a realidade, eram vistas com desconfiança.

Renomados autores, como Monteiro Lobato, chegaram a dizer, dessa arte inovadora, que

“... De há muito já que a estudam os psiquiatras em seus tratados, documentando-se nos inúmeros desenhos que ornaram as paredes internas dos manicômios. A única diferença reside em que nos manicômios esta arte é sincera, produto ilógico de cérebros transtornados pelas mais estranhas psicoses; e fora deles, nas exposições públicas, zabumbadas pela imprensa e absorvidas por americanos malucos, não há sinceridade nenhuma, nem nenhuma lógica, sendo mistificação pura.

Todas as artes são regidas por princípios imutáveis, leis fundamentais que não dependem do tempo nem da latitude. As medidas de proporção e equilíbrio, na forma ou na cor, decorrem de que chamamos sentir. Quando as sensações do mundo externo se transformam em impressões cerebrais, nós "sentimos"; para que sintamos de maneiras diversas, cúbicas ou futuristas, é forçoso ou que a harmonia do universo sofra completa alteração, ou que o nosso cérebro esteja em "pane" por virtude de alguma grave lesão.

Enquanto a percepção sensorial se fizer anormalmente no homem, através da porta comum dos cinco sentidos, um artista diante de um gato não poderá "sentir" senão um gato, e é falsa a "interpretação" que o bichano fizer um "totó", um escaravelho ou um amontoado de cubos transparentes.” (Lobato, 1917).

Lobato, como outros críticos que seguiram esse raciocínio, é fruto de seu tempo; o objetivo aqui não é criticá-lo, mas usar o acontecimento para situar a relação da arte com a loucura na cultura do país.

A oficina da psiquiatra Nise de Silveira no Centro Psiquiátrico Pedro II, tornou-se marco relevante no debate sobre arte e cultura no campo da Saúde Mental. Seu impacto positivo na história da psiquiatria foi fonte inspiradora para a Reforma Psiquiátrica brasileira e continua inspirando o movimento artístico-cultural mundo afora. O fato de o atual governo negar-lhe o título de “Heroína da Pátria” torna bem explícito o porquê dessa conversa ser fundamental ainda hoje.

As críticas à “modernização” da arte no Brasil foram embasadas em preconceitos não apenas artísticos, mas contra os loucos. E embora mais de um século tenha se passado, a cultura ainda está carregada de compreensões utilitaristas, biomédicas e adaptacionistas sobre os *normais*.

O normal é, na verdade, um conceito *muito aberto à interpretação*. Theodor Adorno diria que “a doença própria da nossa época consiste precisamente no que é normal” (Adorno, 1993, p.50). Encarcerar as subjetividades e seus desejos e ensiná-las a desejar, de maneira geral é o que produz a própria loucura na cultura. Hoje temos aparatos constitucionais que defendem a equidade e os direitos dos ditos loucos, e uma classe inteira não só disposta a lutar para defender essas conquistas, mas também a desconstruir as narrativas normativas e opressoras seja qual for o âmbito em que se expressam e a produzir outras vias de existência legítimas.

Este caderno vê como politicamente relevante unir cultura, arte e saúde mental sem a tradicional identificação dos autores das obras como “loucos” ou como “artistas”. De certa maneira, desde o modernismo parece que essa linha foi borrada, embora avanços da crítica artística talvez tenham sido mais significativos do que os relativos aos preconceitos e estereótipos psiquiátricos. Quando as exposições nazistas apresentavam a arte produzida nos manicômios como exemplos do que não fazer, certamente não esperavam que haveria o movimento contrário. Hoje exposições como “A Revolução Pelo Afeto” dos clientes de Nise, “Beyond Van Gogh”, do artista que apenas foi legitimado muito após a sua morte, ou o museu Bispo do Rosário são ótimos exemplos de catálogos artísticos legitimados e aclamados internacionalmente, mas também considerados como produções revolucionárias no campo da saúde mental.

Neste número de Cadernos Brasileiros de Saúde Mental encontram-se obras produzidas de diversas formas por pessoas de múltiplas localidades brasileiras, incentivadas a criarem, dentre muitos motivos, por oficinas e terapias. Fique agora com a exposição das obras selecionadas para esta edição e saiba mais sobre elas e sobre os/as autores/as através dos textos fornecidos por elas/eles ou sobre elas/eles.

Vitória Burnier

Editora do Caderno de Cultura e Arte

**REFERÊNCIAS:**

Adorno, T.W. (1993). *Mínima moralia*. São Paulo, Ática.

Lobato, M. (1917). *A propósito da exposição Malfatti*. O Estado de São Paulo.

Adilson Tiamo  
Compositor e cantor  
Rio de Janeiro/RJ



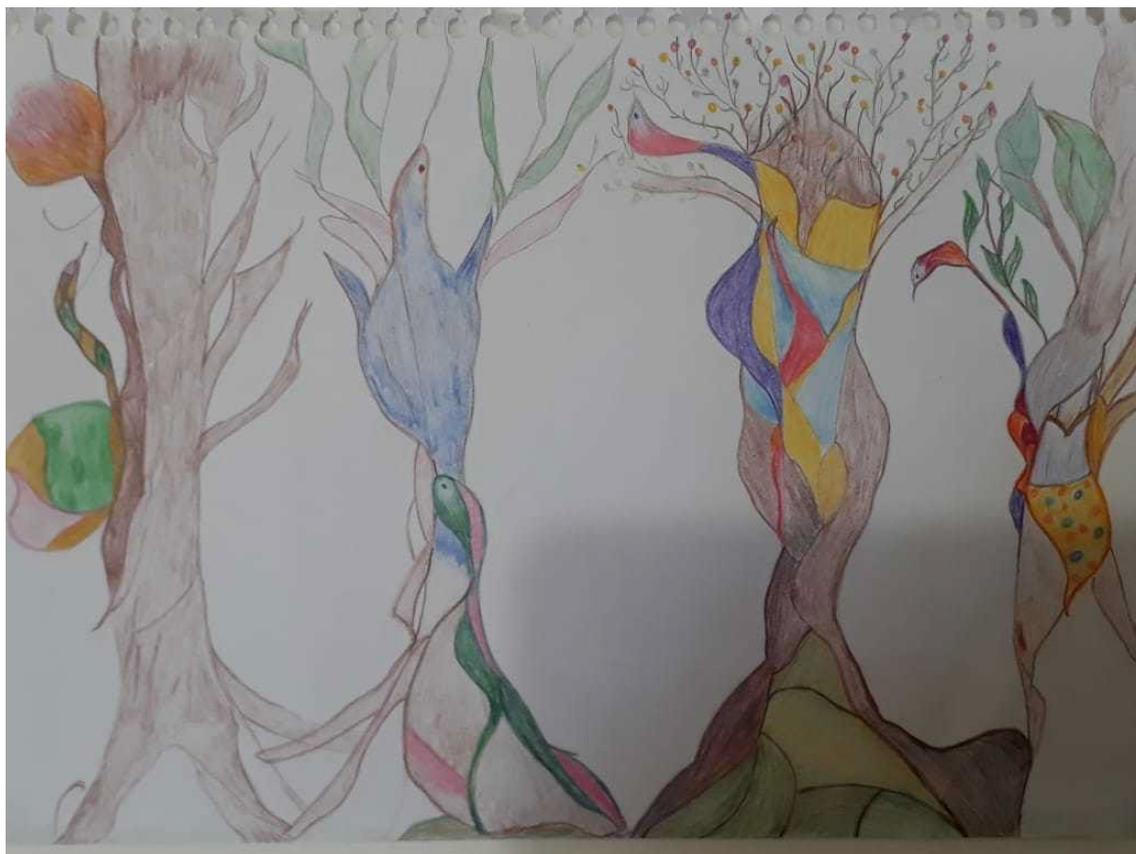
Título: Cenas e histórias d' "O Som do Voo da Mariposa"

Local: Antiga Colônia Juliano Moreira

Projeto Rádio: Delírio Cultural - Museu Bispo do Rosário de Arte Contemporânea (mBrac)

Hoje quero falar com vocês sobre a Mariposa. Mariposa é um nome unissex. Serve para masculino e feminino. O Mariposo ou a Mariposa, por exemplo, tem o costume de sentir o cheiro de sua amada há cerca de 10 km de distância. Por causa disso, ela consegue ir atrás da sua amada. Entretanto, durante o voo, ela emite um som desafinado para dificultar que os predadores a encontrem. Principalmente o Morcego. Então, eu compus uma música para mostrar o som do voo da Mariposa. Parece que está desafinado o violão. Mas é de propósito, como eu já expliquei. O vídeo que contém essas cenas/fotos com eu dançando ao som desafinado do meu violão está disponível em: <https://youtu.be/XE2cc9svCOQ>

Fabiane Valmore  
Curitiba/PR



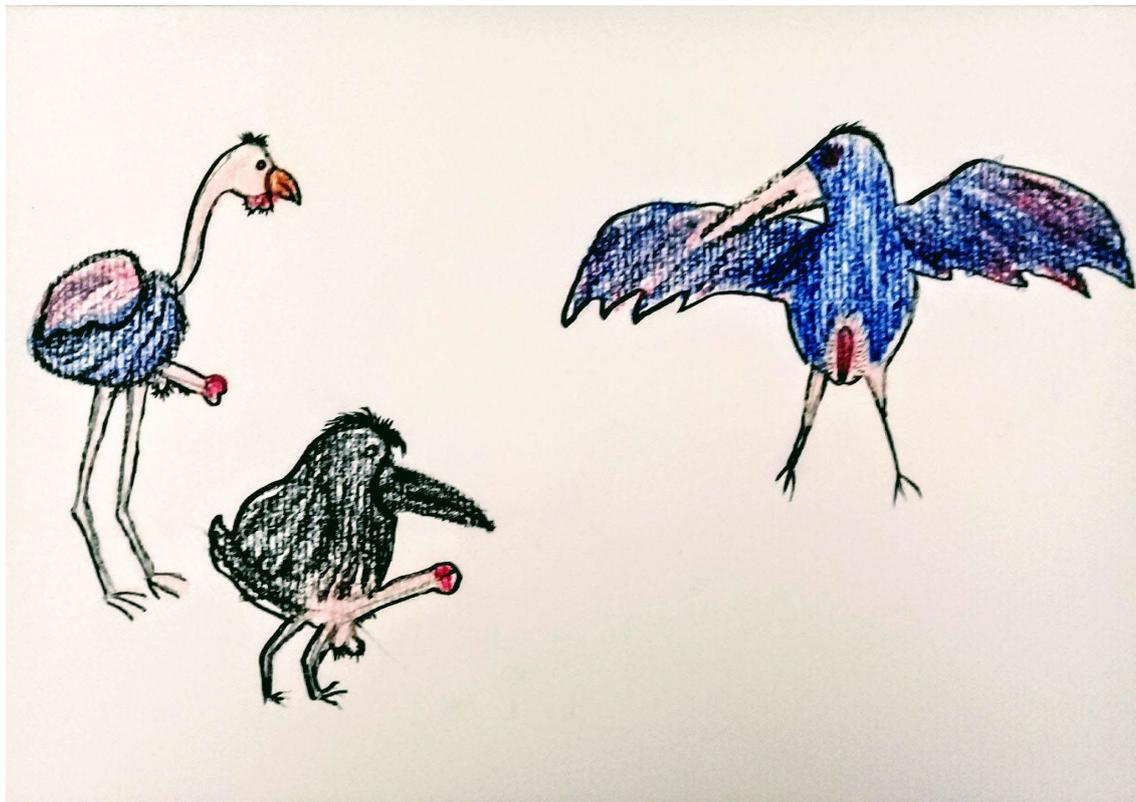
Título: Vida

Desejei trocar a palavra já que não-dita por imagens do inconsciente que supus erroneamente ser fácil mostrá-las. No fundo, pensei que eu seria lida sem eu precisar falar. Não sabia ainda que teria que dar voz ao desenho, ou que dele escutaria algo — fui descobrindo gradualmente, enquanto me surpreendia ao perceber, que mesmo traços quaisquer lançados no papel iam ganhando forma, sentido e porquê como se não tivessem sido desde o começo traçados aleatoriamente e sem (cons)ciência do que deles resultariam. Fui percebendo que a minha interação com os traços, com as cores, com o papel, com a aquarela ou com o lápis, me remetia absolutamente, também, à minha conhecida, silenciada e negada própria história, ao meu jeito de existir no mundo e comigo mesma. Fui reparando que enquanto eu desenhava eu construía também uma narrativa negociada sobre mim e comigo mesma. Lembranças (traumáticas?), questionamentos inquietantes, mas também prazerosas e diversas respostas (im)possíveis vinham à tona em meio aos fragmentos abstratos já postos e repostos no papel que eu seguia buscando dar sentido, forma e cor até que restasse tudo já dito, admirado, espantado — (sublimado? Integrado?), ainda que não exatamente compreendido/integrado, nos limites de cada papel utilizado, de cada traço feito, desviado, tangenciado e desfeito, de cada cor posta, de cada

espessura reforçada ou suavizada. Por exemplo, até que os limites e fronteiras avançados ou mesmo impostos por mim no entrelaçamento de cada cena do desenho já tivesse me mostrado surpreendentemente como eu lido igualmente com eles fora do papel. Tudo isso, no entanto, não me impede jamais de perceber novas conexões a cada novo olhar lançado e detido num desenho já tido como pronto. Tudo, mas não em todos os desenhos, me aparece no papel, ao fim e ao cabo, como se eu já o soubesse, já o conhecesse de antemão sem, no entanto, saber que já o sabia. “O que é a arte, afinal, do ponto de vista emotivo, senão a linguagem das forças inconscientes atuando em nós?” (Mario Pedrosa, 1947). Dito isso, peço licença para compartilhar aqui o resultado daquilo que pretensamente era para ser tão somente um croqui de troncos de árvores feito no verso de uma folha de papel já utilizada, já que muito diz sobre o que acabo de descrever.

Essas imagens produzidas na virada do dia 20 para o 21 de julho de 2020 não foram idealizadas por mim antes de se tornarem concretas no papel, como já dito. Elas me apareceram quase todas de pronto e de maneira arbitrária quando olhei para os quatro troncos de árvores tão logo terminara de desenhá-los. Não as enxerguei claramente e bem delineada logo que as vi, mas me senti chamada a trazê-las à tona, a literalmente contorná-las, inclusive, enquanto situações por meio das quais pude travar um diálogo, um encontro atemporal comigo mesma, uma a uma, parte por parte. Sem com isso poder me isentar da decisão que me vi tendo que tomar quanto a tornar ou não inofensivo algo desse desenho que insiste em me fazer interrogar ao mesmo tempo, em que me oferece justamente algumas respostas. A fim de que tudo aí me restasse, ao menos visualmente, definitivamente inofensivo, bastaria para isso traçar, agora sim, literalmente, acima das marcas já inscritas, uma outra história e assim, arriscar encobrir novamente o que insiste em comparecer. Mas se assim o faço, em mim apenas permanece. Aí está... e é a isso que também podemos chamar obra?

Eduardo de Oliveira Marciano  
Rio de Janeiro/RJ



Sem título

Meus trabalhos são feitos com acrílica, aquarela, lápis de cor e nanquim. Meus trabalhos são inspirados em arte oriental, surrealismo e expressionismo. Gosto de trabalhar sexualidade no desenho e na pintura por que acho mais expressivo. Trabalho surrealismo e expressionismo por que gosto de trabalhar com arte com criaturas deformadas e sombrias.

Manoel do Amparo Santiago  
Brasília/DF



Sem título

Carlos Alberto Narciso Zacaria  
Pelotas/RS



Sem título

Carlos Alberto Narciso Zacaria (C.Tajes) é um artista autodidata que intensificou sua expressividade artística a partir de oficinas de arte dentro do CAPS. Há 15 anos vem dedicando seus dias a música e as artes plásticas utilizando-se de diversas técnicas para suas criações, desde o grafite em papel sulfite até a aquarela, migrando para telas com o uso de acrílicos e colorações a óleo. Seus rostos característicos por olhares fortes e expressões únicas, revelam os mais longínquos recantos do seu inconsciente criativo. Suas imagens cantam melodias atonais e proferem palavras indizíveis. Sua arte é sua essência na mais pura gênese da alma humana transmutada pela performática poética das formas.

As obras submetidas para este edital revelam sua personalidade e manifestações inconscientes das realidades, conflitos, críticas caladas e sentimentos na contemplação do mundo.

Lucas De Souza  
Porto Alegre/RS



Sem título

Desenho feito com lapiseira e lápis C8, que representa a antiguidade e os séculos XVII e XVIII.

Rodrigo Ribeiro de Lima  
Belo Horizonte/MG



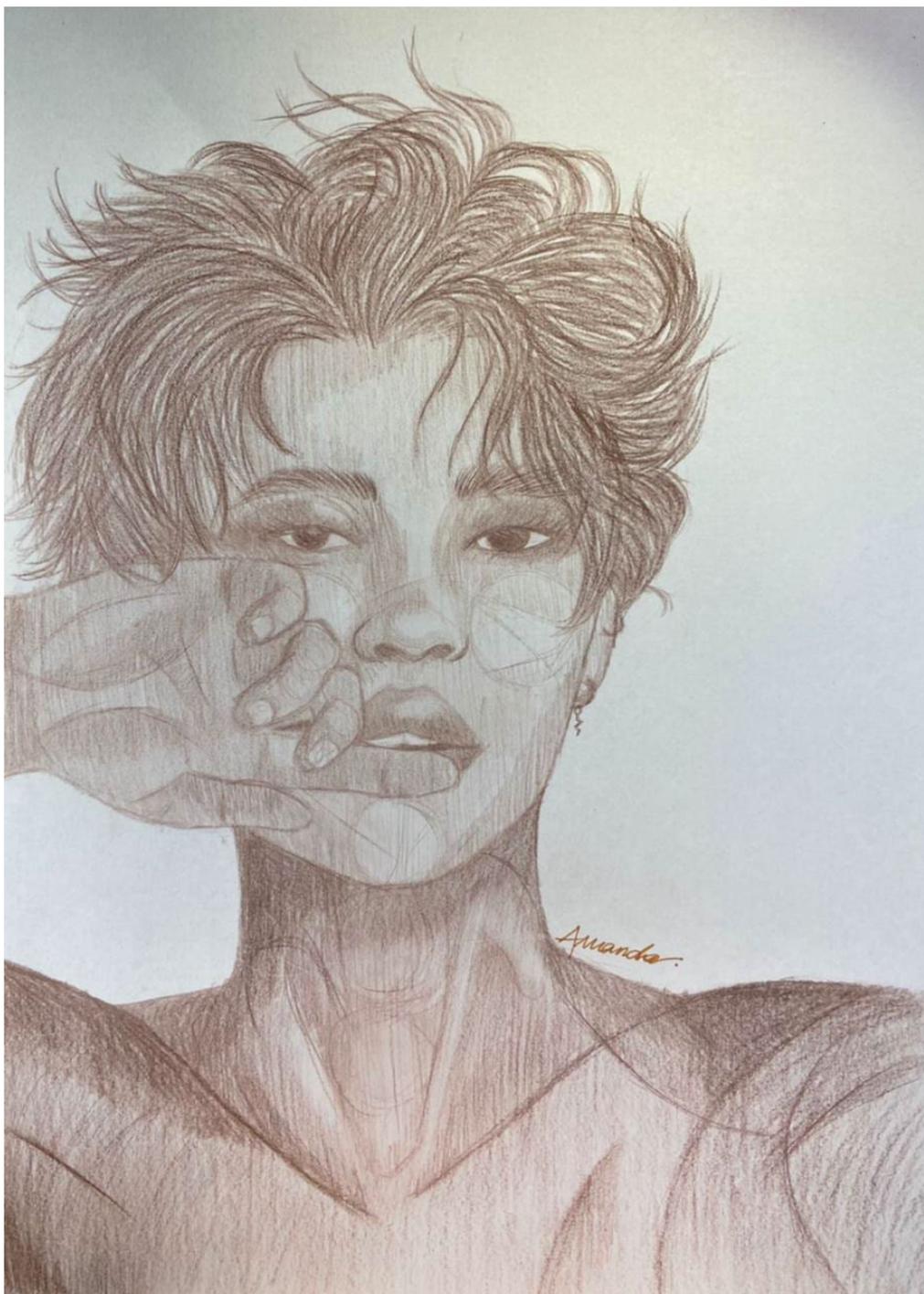
Sem título

Jacqueline Gonçalves  
Belo Horizonte/MG



Sem título

Amanda Costa  
São Paulo/SP



Sem título

Por que você ficou confus(e)? O que meu olhar causa em você? O que você sente quando me olha? Há algo de mim em você?